

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 13 DE ABRIL DE 1856.

N. 19.

PARTE LITTERARIA.

A ANDORINHA PERDIDA.

O artigo que vamos transcrever da *Tribuna* é uma das mimosas produções de um dos nossos mais originaes talentos. Com o pseudonio de Addo Isul se revela um d'estes genios, que seria original, e que faria uma época, se não estivesse engravado no meio de uma sociedade indifferente ao movimento litterario, d'uma sociedade que deixa morrer de inanção as aspirações do talento, corre-o com o ridiculo em que ella tanto abunda, prostra-o com a inveja de falsos prophetas, e está prompta a bater palmas á primeira mediocridade que se lhe apresentar.

O estylo do Sr. Addo Isul é original; e o seu pensamento revela-se muita vez sob as fórmulas de tonantes e incorrectas de Byron. Quem o quizesse aferir e julgar pelas fórmulas usuas de uma litteratura importada da França, erraria: como um célebre critico dizia de Chateaubriand, que elle só se podia comparar a elle, na devida proporção diremos, que o fundo e a forma dos escriptos do Sr. Addo Isul tem uma tal novidade, que lhe é toda peculiar.

Eis aqui o artigo:

« O lago está gelado. Sua superficie liza como crystal, reflecte as nuvens, e nas bordas desenhavam-se os troncos nus dos salgueiros, a arcada de uma ponte partida, o tecto da choupana miseravel e o longo e gigantesco castello do senhor d'aquellas terras.

O vento norte sopra com furor, e em suas frias rajadas leva por diante os flocos alvos da neve que cahe. Na paizagem do inverno pinta-se a morte da natureza.

O campanario do templo, as ameias do castello feudal, a palha das choupanas, os troncos seccos e as pedras estão cobertas d'aquella camada branca resplandescnte, como um lençol que se estende até o cemiterio; e aqui e ali deixa ver cruces bordadas de flocos brancos, e mausoléos, cujas inscrições estão enterradas na neve.

Nenhum objecto mais fere a vista do homem. Tudo é monotonia; tudo é repouso; a vida descança n'essa estação, hiberna-se por mezes, para na primavera reaparecer como nova e bella criação.

Aquelles canteiros ornados de flôres: aquelle prado verdejante sobre o qual brincavam as crianças da aldêa, é hoje um sudario de côr uniforme, sobre o qual o passo humano deixa profundas pegadas nas direcções que toma.

Tudo quanto se vira, se admirára, se amára outr'ora, no estio e no outono, vem a neve sepultar debaixo de sua coberta alvissima.

Semelhante ao somno do poeta, o inverno é um céu cinzento onde nem nuvens fantasticas, nem rubor da aurora, nem estrellas escrevem lyras de harmoniosa eloquencia.

Dorme a natureza inteira sob aquelle céu escuro: agasalha-se tiritando sob o vasto e branco lençol da neve, e nada a perturba senão as vozerias do vento hyperborico trazidas através dos montes Scandinavicos, assobiando por entre os tumulos antigos de disforme estrutura dos Hunos e dos Slavos.

Tialfe, Wladimir, Hilda e Scandia em suas tenebrosas e magnificas meditações tinham aquella linguagem. Nascidos entre os vastos pinheirões ou nas profundas grutas de Koelen, sua voz rouca e varonil, quando mandavam os elementos e conjuravam as musas Finlandicas, eram semelhantes aos mugidos tremendos do redemoinho do Malmstrom.

Os seus poemas de guerra e os seus cantos de nostalgia são magnificos, as borrascas do norte, os gritos do cider, as vozerias dos pinheiros açoutados, e o mugir incessante das ondas e dos gelos que se quebram de encontro ás costas do Finmark e da Islandia, são os sons da *posajuna* e do mando guerreiro.

Mas tambem a santa, serena e melancolica suavidade da luz boreal, o encanto do Melarn com suas ilhas e choupanas, o canto singello das mulheres que amamentam no campo seus filhos, e a carreira aérea e pensativa da andorinha no céu do estio, são suas balladas, sua poesia nostalgica, seus suspiros — os brandos queixumes d'aquelles homens de musculos do urso branco dos gelos com alma de anjo e imaginação nascida em canteiros de flôres variadas, embalando-se aos sons da harpa eolica.

Essa poesia que nenhum livro descreve, esse

sentimentos que não são narrados nem citados, como são bellos, como os exprimia bem Ole Bull com o arco magico sobre as cordas em noite nostalgica !

E' um genero opposto á poesia das montanhas e das terras do Brazil. Uma alma creada á parte, com pouca luz do sol, e muita melancolia !

A andorinha é o passaro de arribação mais conhecido n'aquellas paragens. As fendas dos tectos das palhoças das aldêas as esperam com seus ninhos no fim da primavera.

São as mensageiras das flôres e dos prazeres, e com tudo seu vôo é tão sereno, sua voz tão muda, sua hospedagem tão tranquilla !

No verão, no azulado do firmamento, acima do campo de trigo, ou do prado, ella oscilla de um lado a outro; pousa-se em um ramo de cerca, salta entre a gramma, ergue-se de novo e estende as azas finas e nervosas no ar, e desaparece por entre os salgueiros e faias.

Ao depois pousa-se sobre o ninho, arranja com o biquinho as palhas escolhidas, salta e volta trazendo sempre nova provisão para esse berço de seus filhos.

Quantas vezes, á janella de humilde casebre, cercada de lianas, jasmins e roseiras, se apresenta, de manhã, uma cabeça loura, pensativa, contemplando a andorinha no trabalho de sua existencia; invejando-lhe a sorte, livre no ar e na terra, livre ainda na passagem para climas mais suaves, ali talvez onde um coração amigo ausente suspira como ella — ou talvez ingrato e insensivel — se esquece !

Outras vezes, á tarde, quando o sol vai-se inclinando no horizonte da campanha, sentado no banco de pedra, á porta da casa campestre, o poeta doente, estrangeiro, scisma nos seus e na patria do sul, e considera no viver da andorinha que volteja por cima de sua cabeça e parece querer reanimar-o !

Como ella, o saudoso ausente quizera ver chegar o fim do outono, e emigrar para novos climas conhecidos.

Sobre suas azas pretas elle mandará seus suspiros: com ella viajará o seu coração; elle lhe supplica que esse passaro viajero vá pousar-se na janella da casa paterna, e dê d'elle saudades sem fim.

Poesia que medita e suspira, que se nutre de amor incessante, procura por toda a parte uma irmã que a comprehenda, que com ella converse e lhe dê alimento de inspirações.

Poesia de um doente nostalgico, longe do meio dia tropical, ausente da mais cara porção de sua alma, estrangeira em terra em que se desconhece a sua lingua materna, é como esse passaro de arribação.

Vive no estio alheio, scisma em seu ninho passageiro; e ao depois, quando o outono faz cahir as folhas das arvores, e que os jardins não tem mais flôres, e o prado se torna secco e pardacento, se ella não emigra para seus lares, se não foge do inverno, é como proscripta semimorta, abandonada, só, sem ser comprehendida, fica triste e muda, mirra-se n'ella a vida, seu vôo é monotono, e em dia de muita saudade e desanimo, busca no solo hybernoso o seu túmulo — seu derradeiro ninho.

E' como a andorinha perdida, a quem as companheiras deixaram só, e o inverno a surprehende.

Lembro-me de haver visto um dia, em tempo de inverno, uma d'essas andorinhas perdidas.

Sabia do seu ninho, sob as ultimas palhas de uma choça miseravel. Seu vôo era pausado, incerto, curto. Tinha medo de ousar affrontar a estação fria; sua debil natureza de ares mais temperados, ia perecer na rudeza d'aquelles gelos.

A neve cobria o solo e os galhos nus das arvores, tudo era branco, nenhum contraste ali era produzido senão pela andorinha, cuja côr preta e corpo delicado se destacava no ar, cujo fundo era alvo.

Pobre solitaria, exilada longe da familia dos seus, unica de sua raça, que ainda habitava o lago dos cysnes, tremula e incerta, soltava de vez em quando um pio triste, repassado da mais amarga dôr.

Seus dias eram longos, sua vida penosa, e po muito que se approximasse da habitação achava sempre frio.

Eu lamentava aquella triste sorte, a minha pôde ser tambem.

Como ella estrangeiro, longe da minha terra e dos meus, comparei a minha com a sua existencia.

Como ella, eu não achava o meu clima, nem a linguagem dos meus, nem os meus costumes, nem o meu ninho. O inverno era triste e monotono; as folhas verdes semelhantes ás do arvoredo de minha terra, haviam desaparecido com a neve; e as faias estavam nuas, mirradas, secas, como mortas, implantadas n'um sudario branco.

Oh! e essa extensão da mesma brancura, essa tristeza eterna, fazia-me tremer; mergulhava-me n'um pensamento dominante, e as minhas lagrimas corriam.

Pobre andorinha perdida!

Triste estrangeiro tão longe dos seus!

.....
É o symbolo palpitante da predestinação do poeta.

Quando chega o tempo em que cabe a derradeira illusão, em que a ultima rosa do caminho murcha, e tudo se cobre de um sudario de impossibilidade, desperta a alma para a dôr.

A fricza dos homens faz da vida um rude inverno: horripila-se de frio ao contacto d'esses cadaveres ambulantes carcomidos e gastos pela sensualidade. Elles não tem mais voz, são roucos e monotonos.

A calumnia premeditada e mordente é igual ao furacão, mata de fria indiferença.

A vaidade e a prostituição são como os troncos despidos de folhas, e cujas extremidades estão geladas.

N'esses corações enregelados e mortos não pôde mais abrigar-se a alma sensível, e aquecida com o sopro divino do genio.

Os vultos que se agitam na sociedade são como as montanhas de gelo, — indecifráveis.

Só vereis no meio d'elles os filhos do sentimento implantado n'essa neve da vida, como cruzeiros santificados de um vasto cemiterio, e aos quaes ainda pendem corôas de flôres seccas e fitas roxas. São inscripções d'aquillo que não deve viver na terra, são cruces que indicam martyrio e morte.

Como a andorinha perdida, o poeta longe de tudo que lhe é caro, incomprehendido, errando, marcha incerto, ao acaso, enchendo o seu livro de lagrimas, procurando sem nunca achar, suspirando sem que a irmã de sua alma lhe responda.

Na emigração que o sentimento fez em éras mais chistãs para o céu, aquelle que ainda viver no sentimento e nas inspirações, é como a — andorinha perdida — sob um céu de inverno voando ao acaso.

ADDIO IZUL.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

(EXTRACTOS D'UM LIVRO INEDITO.)

III.

« A cidade de S. Paulo é uma d'aquellas do imperio que mais recordações gloriosas tem para

serem escriptas nos seus annaes, tanto pelo que respeita aos seus tempos homericos de colonia, como aos modernos de cidade imperial. A sua historia pois é para ser escripta em grossos volumes; mas é para outros hombros mais robustos, como não são os meus, a realisação d'essa proficua tarefa e glorioso empenho. Para as proporções d'este ligeiro escripto e de rapidas impressões de viagem, apenas se pôdem comportar alguns dados estatisticos, algumas recordações historicas, que em resumo deêm uma succinta idéa d'esta notavel povoação: será esse o nosso empenho, referindo-nos a um manuscripto que temos presente e a varias outras obras que temos consultado a este respeito.

« S. Paulo, cidade episcopal, assento do governo da provincia do mesmo nome, está situada em um terreno um pouco elevado, e cercada de bellos e dilatados campos, na latitude meridional de 23°33', e na longitude da Ilha de Ferro de 331°25' (observações do astrónomo Francisco de Oliveira Barboza) e nos 23°15' de latitude, 333°50' de longitude, conforme Mr. Eschard, e pelo grande mapa publicado em Londres, em 1811, segundo as boas observações astronomicas de 1810: fica á oeste do Meridiano de Greenwich 46°36': á oes-sudoeste da côrte do Rio de Janeiro 80 leguas geographicas, ao noroeste de Santos 11 para 12: ao sudoeste quarta de sul da Bahia de Todos os Santos 277: e ao mesmo rumo de Pernambuco 400: ao sul quarta de sueste do Pará 444 leguas: e ao sul quarta de sudoeste de S. Luiz do Maranhão 436: ao sudoeste de Villa Rica: 86 ao nordeste quarta de norte de Montevideo 297: ao sul meio sueste de Goyaz: 124 ao sueste quarta de leste, da cidade de Matto-Grosso 300: e finalmente ao sueste da cidade de Cuiabá 230 leguas.

A altura da serra de Santos foi calculada pelo capitão King e achou montar a 375 braças. O ponto mais elevado da cidade de S. Paulo fica no mesmo nivel, segundo a mais aproximada computação.

Deve a cidade de S. Paulo á sua origem aos disvellos e cuidados dos Jesuitas. Os primeiros, que vio o Brazil, vieram em 1549, na companhia do fundador da cidade da Bahia, e primeiro governador Geral Thomé de Souza; e á testa d'elles, em qualidade de superior, veio o padre Manoel da Nobrega, que, em novembro do mesmo anno, mandou para S. Vicente, a fundar o segundo collegio da sua ordem, que teve este imperio, ao padre Leonardo Nunes: que passando aos campos de Piratininga, conseguiu dos pais de fami-

lias indigenas muitos mancebos, com os quaes desceu á S. Vicente, e junto ao collegio fundou um seminario para instrucção, e catholico proveito d'estas almas. Veio depois o padre Nobrega visitar S. Vicente, onde se achava quando lhe chegou a patente de provincial do Brazil, á cuja dignidade o elevou Santo Ignacio de Loiola, fundador da ordem jesuitica; e a sua primeira, e mais notavel acção foi ordenar que o collegio se mudasse da villa para o campo; assim chamavam ao terreno de serra acima, ficando n'ella tão sómente os religiosos precisos para administrarem os sacramentos aos christãos navegantes. Já n'este tempo existia no campo a povoação de Santo André; mas nem este lugar, nem a aldêa de Tebiriçá, ou de Piratininga, agradou aos padres para o seu estabelecimento, e escolheram um lugar eminente entre o Rio Tamandutahy, e o ribeiro Anhangabaú, onde formaram a sua morada. Para aqui concorreu o cacique Martim Affonso Tebiriçá, com os indios seos subordinados, largando a patria de seos ascendentes: e igualmente o velho indio João Cayuby, senhor de Geribativa: e por uma fórma tão diametralmente opposta á da antiga Roma, e de outros cidadãos, que mui celebres se tornáram, teve principio a de S. Paulo. Aqui só se cuidava na instrucção, e conversão das almas, infundindo-lhes os principios da religião, e os da sã moral.

Tão lisongeiros começos pareciam formar em S. Paulo um povo virtuoso; porém a maldade dos homens sempre inclinada a oppôr barreiras ás mais bem intencionadas obras, obistou a esta, como adiante se verá. O principal fundador de S. Paulo foi o veneravel padre José de Anchieta, da companhia de Jesus, por antonomazia o apostolo do novo mundo: estabeleceu-se com os seus novos convertidos, em um lugar toscamente aberto na terra, e coberto de palha; o qual só tinha quatorze pés de comprido, e dez de largo, pobre choupana, que servia de dormitorio, escola e cosinha; assim o escreveu elle mesmo a Santo Ignacio. Pouco depois chegaram a este asylo da paz mais doze jezuitas, á testa dos quaes vinha o padre Manoel de Paiva, e unidos á Martim Affonso Tebiriçá, que morava onde está hoje o mosteiro de S. Bento, construíram uma limitada casa, e a ella contigua uma igreja, na qual celebraram a primeira missa á 25 de janeiro de 1554 e por ser o dia dedicado á memoria da conversão do grande S. Paulo, ficou tendo este nome a nascente povoação, cujos habitantes cresciam todos os dias; e os missionarios congratulando-se de vérem muitos filhos dos gentios aprenderem

gostosos as lições de doutrina christã, da lingua portugueza e latina; aprendiam tambem d'elles a lingua Tupinambá, universal na costa do Brazil; devendo-se ao Rev. Anchieta a primeira grammatica da mesma lingua e um vocabulario. Bem depressa se declarou rival de S. Paulo a villa de Santo André, que existiu trez leguas distante d'ella, onde está hoje a fazenda dos padres do Carmo, tendo por fundador João Ramalho, da qual era alcaide-mór, e o mais poderoso, e respeitado do lugar.

S. Paulo erecta villa em 1560, em cidade em 1712, em cidade episcopal em 1746, em cidade imperial em 1823, acha-se 350 braças acima da superficie do oceano, excellentemente situada em um lugar elevado e aprazivel. O seu clima é temperado, sadio e de uma reconhecida salubridade, posto que, em algumas quadras, como a presente, se sintam graves alterações no estado athmospherico.

As chacaras dos arredores, as paisagens, os agradaveis passeios, os bellos pontos de vista, que por toda a parte se desfructam, fazem S. Paulo uma agradável vivenda, e uma excellente paragem para o viajante.

Não obstante achar-se proxima da zona torrida é lavada de bons ventos, o inverno faz-se ahi sentir demasiadamente, mas, segundo nos informaram, as tardes d'essa estação são, pelo diafano do céo e brilhantismo de um sol benigno, de uma suave melancolia, e geradoras de gratas recordações para tantos filhos ausentes da casa paterna, e de pessoas que lhe são caras!...

Cidade academica, onde vem desabrochar tantos talentos esperancosos, os seos arrabaldes tem um não sei que de semelhante com a velha e classica Coimbra, de sorte que as inspirações parecem communs, parecem emanar da mesma origem. Em S. Paulo, como em Coimbra, o estudante é a primeira personagem classica da terra, que olha para elle como um dos seos orgulhos, por que esse joven é o predestinado para os altos empregos da representação publica; e a cidade onde elle foi educado, será a sua segunda patria, será sempre uma das suas saudosas recordações. O estudante é a fonte, é o manancial da riqueza de uma povoação, porque as suas mesadas são ahi todas derramadas no povo. O artista, o industrial, o proprietario de casas, o agricultor mesmo, e muitas familias mantêm parte da sua subsistencia á sombra do estudante, e por isso quando vem as ferias grandes, as cidades universitarias, ou academicas ficam como viúvas: as suas ruas tornam-se solitarias, o povo sen-

te-se como abandonado, as casas onde habitavam os futuros doutores parecem sepulcros.

Em S. Paulo, como em Coimbra, passa o mancebo a parte mais viçosa da sua vida, ahí curte saudosas recordações das pessoas que lhe são caras, ahí sonha elle douradas ambições para o futuro, ahí acredita e avalia elle os estadistas pelos compendios das materias politicas que estuda, ahí enterlaça e firma relações, que ao depois terá de perder, quando, ao entrar na vida publica, vir desabar uma a uma todas as suas queridas illusões, e se desengane que essas theorias, que estudou, são utopias impraticaveis com gente sem educação politica conveniente.

Em S. Paulo, como em Coimbra, ha sitios historicos, ha arrabaldes pittorescos. Lá o castello de Martim de Freitas, aqui o sitio do Ypiranga, lá o Mondego, com as suas margens bordadas de chorões e salgueiros, aqui o Tamanduatehy a espraia-se por essa immensa veiga, e formando como um chamalote verde branco. Coimbra é a cidade mais antiga e mais historica de Portugal, S. Paulo é tambem a povoação mais romantica e romanesca, a mais notavel nos antigos e modernos fastos do Brasil. Em Coimbra os vestigios indeleveis dos combates de mouros e christãos, aqui vestigios de luctas entre indios e europeus: lá cidade da sciencia, aqui Athenas da America, que tem doado ao estado brilhantes capacidades. Lá o valle do penedo das saudades, aqui esse valle pittoresco e immensamente saudoso da ponte do Acú, onde os chorões e as arvores, e o rio, e as casas da encosta formam uma paizagem, que acorda em nossa alma uma suave melancolia, e ás vezes bem profundas meditações. Como amo e como me recordo de Coimbra sempre amarei e me recordarei de S. Paulo.

R. d'A.

AS AMERICANAS.

II.

YBYANGATURAMA

A TERRA DAS ALMAS JUSTAS.

CANTO DO FUTURO.

O' arcos valentes,
O' bravos Tamoyos,
Guerreiros potentes,
Attentos, assim:
As cousas sabidas
De nossos maiores,
Ora repetidas
Vos serão por mim.

Eu canto o futuro,

A vida sem fim!

Não temaes a guerra,

O' gente briosa!

No mar ou na terra

O que ha que temer?

Se fordes valentes,

Na terra das almas

Os vossos parentes

Haveis inda ver.

A morte quem teme?

Que vale o viver?

Não morre o que dorme,

Que sonha co'a vida,

Que é sempre seguida

Do bem e do mal;

Não dorme o que morre,

Que vive p'ra vida

Mais bella, que corre

Como um bem real.

Tamoyos, na morte

Ha vida immortal!

Arrasta-se o verme

Humilde na terra,

E em sedas se encerra,

E em somno ahí cahe;

Mas vário nas côres

Um dia desperta,

E, flôr entre as flôres,

Radiante lá vae!

De um triste cadaver

A alma se esvae.

Além das montanhas,

Que as aves só vingam,

Tão altas, tamanhas,

Os céos a suster,

Existem os hortos,

Os campos alegres, (1)

Aonde dos mortos

As sombras vão ter!

(1) Accredítavam na immortalidade d'alma, que elles não sabiam separar da materia, já se vendo pela metempsychose metamorphoseados no sacy, já depositando sobre a sepultura de seus mortos os necessarios aprestos para a sua viagem d'alem tumulo, talvez remotas reminiscencias de sacrificios, cujos vestigios lhes conservou a tradição.... Nos campos alegres, como no Paraíso de Mahomet, esperavam todas as delicias em recompensa dos feitos de bravura na guerra e de intrepidez na caça das feras, que enchiam de horror as florestas. *Memoria hist. e docum. das aldeas de indios da prov. do Rio de Janeiro, past. I, cap. I, pag. 22.*

Monan só creou-os
P'ra nosso prazer.

Que floridas grimpas
De vastas florestas !
Que fontes tão limpas,
Algumas de mel !
Cauins saborosos (2)
As arvores destillam,
E os fructos gostosos
São doces.... sem fel !

A briza é perenne,
E nunca infiel !

O sol é tão bello,
Tão alvo, luzente
Tão brando e singello
Sem nunca queimar ;
A terra doirando,
Os céos acclarando,
E eterno girando
Sem nunca parar !

Que terra bemdita !
Que dia sem par !

Os rios correndo
Por campos de flôres,
Nas margens morrendo,
Lá vão sem rumor !
Nos bosques só trinam
As aves vistosas,
Que as almas animam,
Qual mag , cantor.

Que gozos que fruem !
Que vida sem dôr !

Abobada immensa
Amparando a terra,
Tão grande e extensa
Constante reluz ;
Mil astros fulgentes
A' noite rutilam,
Quaes flôres nitentes,
Que o céu só produz !

Que céu magestoso !
Que esplendida luz !

A tarde é formosa
A noite estrellada,
A aurora orvalhosa,
O dia solar ;

(2) Vinhos.

O mar sem tormenta,
A terra sem males,
De estragos isempta ;
Sem raios o ar.

É terra de encantos
De um nunca acabar !

De tantos espanto,
A ave tristonha,
De funebre canto,
Sacyçaperé (3)

Nos traz mil noticias
Dos gratos parentes,
E terras propicias
Que sempre ella vê.

No seu triste canto
Quem é que não cré ?

— O canto da ave,
O sopro da noite,
Que geme suave,
Os sons do boré
Tudo o bardo escuta,
— E tudo interpreta,
— E tudo prescuta,
Que o diga o payé.

Desdiga-o quem póde !
Capaz quem no é ?

O' arcos valentes,
O' bravos tamoyos,
Guerreiros potentes
Attentos assim,
As cousas sabidas
De nossos maiores,
Aqui repetidas
Ouvistes por mim.

Cantei o futuro
E ao canto dou fim !

J. Norberto de Souza e Silva.

PARTE NOTICIOSA.

CORRESPONDENCIA DE PARIZ.

CARTA V.

A variedade deleita. Não sei se a these é moral, em todas suas applicações ; mas se o não é, a natureza que torne as culpas a si, por ser quem nos dá exemplo e conselho.

(3) Ou *Ganambach V. Lery. Histoire d'un voyage, Brauzen de la Martinière, le gr. dict. geog hist. et coit., etc.*

Não tem o anno dous dias eguaes; as estações, succedendo-se, alternam os seus productos; a vida humana disparte-se em edades, e cada uma com seos prazeres, seos espirito, seos habitos; queremos no drama scenico mudanças de personagens, no voltivolo politico de ministros; agora a tua não lança cutellos e varredouras, agora desveleja; o jardim matizado de mil flôres, exhalando variaveis perfumes, allucina por essa attractiva diversidade; o proprio terreno insensível cança prestes, se invariavelmente lhe lança semente egual; a mangueira que ás bordas do Guanabara ostenta a vagante pompa de sua verdura, esquecêra, se para este Sena a transplantes, de tanto estender esses braços de Bryarêo; quaes gabam o que outros condemnam, quaes condemnam o que aquelles gabam; uns opinam pela destruição do colosso oriental; não poucos ás nuvens o exaltam; no mar das sciencias, rara é a questão que de ventos contrarios não seja combatida. Tudo isto outros o tem dito; *reficit animos ac reparat varietas*, diz o nosso *Quintiliano*; e portanto com bons escudos me amparo, bradando: *Evoê, viva a inconstancia!* Se me eu deixasse ir atraz do chôro, aqui tinha materia, muito de minha feição, para um volume grosso; mas seria então atacar a doutrina pela pratica; não caio n'essa.

Significa o exordio que, receoso de alguma patente de maçador, resolvi diversificar até o fundo e fórma de minhas correspondencias. Já tens tido narrações, descripções, reflexões, e talvez alguns maranhões, ou carapetões. Hoje porrem, que estou de veia utilitaria, me occorre levar-te comigo a uma das secções da defuncta Exposição, accompanhados de cicerone que nos guiará, para mostrar-te assumpto de interesse para o Brasil: se totalmente não tirarmos d'esta vez a caninha d'agua, ao menos a levantaremos um pouco, como a cousa o demanda. Segue-me, e vamos ver os *diamantes*; se não bebermos na taberna, folgaremos n'ella.

Diamantes !

Triste sorte é a de bastantes creações, tão brilhantes, tão formosas, tão attractivas, tão requestadas.... e a final tão vans! — Aquella adoravel dama não é mais que uma caveira, de que fugirias, se a visses descarnada — A linda lua e o arvoredo d'aquelle theatro são azeites e papelões. — Os 600\$ rs. que pagaste á modista são estes trapos rotos. — Esse banquete opiparo... nem eu sei o que elle é — O mausoléo que afronta os astros representa uma pitada decinzas — Tudo assim

é n'esta dobadoura a que chamam Terra, mas cuja é simbolo o diamante; e o *diamante* o que será? o aristocratico, fulminante, soberbo, rompenete, fascinador, invencível diamante? nada mais que o sujo, desvalido, negro, plebeo, proletario, humilde, despresível e despresado *carvão!*...

Que dirá de si o brilhante, valedor de mil ouros, quando já o ouro disse de si:

Faço a paz, sustento a guerra,
Agrado a doctos e rudes,
Gero vicios e virtudes,
Forço as leis, domino a terra?

Não somos nada! dizer que o diamante não é mais do que carvão! que o sangue azul d'aquelle com o preto d'este se troca! que, após uma simples analyse, aquelle patricio se confunde tanto com este popular como em cemiterio abandonado, um velho craneo de marquez com o de mesquinho official de diligencias! É desesperador; mas é.

E digam lá que o *habito não faz o monge*; revolto-me contra os anexins; faz, sim senhor. Toma tu uma mão cheia de peças de ouro. Se fôres com ellas mercar o tal carbonio, enroupado em sua adamantina crystallisação, dão-te uma pedrinha microscopica; se pedires o Caim d'aquelle Abel, o util mas sujo e nu carvão, dão-te por egual preço, com que abarrotar, do tecto ao chão, os armazens de 3 carvoeiros. A ti, que és poeta, recommendo-te a *aplicação ao moral*, que te dá um apologo de truz.

Tanto o diamante como o carvão se queimam, e são susceptíveis de dar em producto o mesmo residuo, que se chama *coke*; mas, como combustivel, applicavel á industria, ainda que o tal fidalgo existisse em proporções eguaes ás do carvão, ser-lhe-hia muito inferior em prestimo: o carvão produz o seo coke, calcinando-se a abrigo do contacto do ar, mas o diamante precisa para isso collocar-se entre dous pedaços de carvão, n'uma forte pilha, e submettido a uma temperatura que o incandesce ao ponto de não poder a vista supportar-lhe o brilho da luz.

Pena porém é que, onde se conhece a analyse, se não descubra a synthese. É facil desmanchar diamante em carvão, mas difficil fazer de carvão diamante. Ha muito que se procura resolver este problema, crear esta pedra philosophal; e um membro da Academia das Sciencias d'esta côrte, um moderno alchymista, *Despretz*, declarou á assembléa ter fabricado o precioso seixo. Pobres terrenos diamantinos do Imperio do Brasil, no dia em que se architecturarem dia-

mantes, da qualidade d'esses de que o famoso lapidario *Jeffries* tem estabelecido o valor commercial, na razão dos quilates do peso, da limpeza da agua e da fórma que constitue o perfeito diamante! Ai, que n'esse tempo terá Nereo de reformar as velhas redeas, que a *Ulyssea* nos descreve:

« Fere a liquida prata o grão Nereo,
« A redea diamantina governando »

naturalmente, para a elegancia, fará então redeas de alguma outra coisa bonita, assim como papo de tucano; e bem pôdem os faiscadores brasileiros levar a vida a cirandar café. Ainda conto ver o altivo potentado reduzido a tal baixeza que toda a criação o apupe! O inutil pedregulho, que hoje vê ajoelharem-lhe submissas cem arrobas de ouro, valerá então menos que meia duzia de libras de cobre. Virá então o *ferro*, dizendo-lhe — Morre, vaidoso, que viveste vida inutil, em quanto eu produzi maravilhas. Dirá o *alumínio*: — Não sabias da minha existencia, e em quanto tu succumbes, eu invado o mundo. Dirá o *carvão*: — Meo rico morgado, soou a tua hora, escondo-te no occaso, e espreita de lá o meo zenith. Finalmente todos esses Abyssinios metallicos lapidarão o dethronado diamante, de um modo bem outro d'aquelle porque elle costumava ver-se lapidar. Então lerá elle e entenderá a fabula do leão velho:

Decrepito o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrepidos tornou sua fraqueza.
Eis o lobo co'os dentes o maltracta,
O cavallo co'os pés, o boi co'as pontas,
E o misero leão, rugindo apenas,
Paciente digere estas affrontas....
Não se queixa dos fados; porém vendo
Vir o burro, animal de infima sorte:
— « Ah, vil raça — lhe diz — morrer não temo,
« Mas soffrer-te uma injuria é mais que morte.»

Confessemos porem que esta morte macaca do diamante, ou mesmo a sua depreciação, apesar de todas as basofias do tal Sr. *Despretz*, não parece ainda mui proxima, como vais ver.

No palacio da Industria, na rotonda do Panorama, perto das joyas da corôa de França, figurou o célebre *diamante da Bagagem*, chrysmado aqui com a astronomica alcunha de *Estrella do Sul*.

É para lamentar que o opulento Brasil não comprehenda ainda que taes primores como este brilhante, e uma famosa trança sem par desde Eva até hoje, venham para a Europa depôr mal contra os homens, posto que tão bem a favor da terra: por tal arte barateia a natureza mara-

vilhas taes, que, sem empobrecer-vos, as abandonéis ao estrangeiro?

Seja como fôr, apenas chegou á Europa o *diamante Bagagem*, reconheceu-se a sua immensa preciosidade, mas tremeu-se pela operação a que tinha de ser subjeitado. Confiado ao Sr. *Costa*, de Amsterdão, fêl-o este lapidar pelas mãos do mesmo diamantista, que havia tallado o celebre *Koh-i-noor* (montanha de luz), ornamento do throno de Lahore.

O resultado correspondeu á expectativa; a *Estrella do Sul* ficou um brilhante sem rival, na graça da fórma, pureza d'agua e esplendor. Representa agora uma ellipse, cujo eixo grande é de 35 millimetros, e o pequeno de 29; espessura 19. Pesa 125 quilates e $\frac{1}{4}$; só é inferior ao *Regente*, que pesa 136 $\frac{1}{2}$, com quanto se a pedra d'onde este sahiu houvesse sido trabalhada agora, produziria talvez o dobro do actual peso, pois era, em bruto, de 410 quilates!

É sem duvida a *Estrella do Sul* o melhor diamante achado no Brasil; pois o da corôa portugueza, tambem denominado *Regente*, e que o Sr. *D. João VI* tanto affeiçãoava, só pesava 120 quilates, e tinha a sua fórma natural.

Entretanto confessemos que na soberana familia adamantina, o de que se trata occupa um lugar inferior a outros, com os quaes se não poudo confrontar, porque os seus donos não cahem em deixal-os viajar por Exposições. O que foi do grão-duque de Toscana, e hoje do Imperador da Austria, é sim amarellado e de má fórma, porém pesa 139 quilates. Tambem não é de bom corte o do czar da Russia, que pesa 193 quilates. Assevera-se que o do grão-Mogol pesa 279 quilates, e o do raja de Matão, na ilha de Borneo, formosissimo, dizem subir a 367 quilates, e o que ainda é mais, servir de talisman da fortuna do raja e sua familia.

Nada d'isso podêmos comparar aqui, onde só tivemos para contrapor o *Regente* francez, assim como já conheciamos o *Koh-i-noor*, que, na lapidação, ficou reduzido a 122 $\frac{3}{4}$ quilates, sendo por isso inferior no peso, como no brilho e fórma á pedra brasileira: é sim mais comprido do que esta, mas tão pouco profundo, que espediça a mór parte dos seus fogos.

Exceptuando uma amostra da industria sericola, foi este na exposição de Pariz, o formoso, sim, mas unico representante do americano imperio.

Porque será que essas vastas e fortes regiões recuam modestas e medrosas de figurar nos

grandes concursos do mundo, onde muitos logares distinctos lhes podiam caber? Esquece o Brazil que no orbe occupa mais de 30 grãos de longitude e outros tantos de latitude?—que mal bastam para abraçar-o, um oceano, dous rios-mares, e 10 estados independentes?—que todas as riquezas das diversas regiões surgem espontaneas n'essas plagas?—que a prodiga natureza não implora ás estações a permissão de produzir?—que a uberdade da terra centuplica a semente?—que se um mar brenha as suas praias de norte a sul, um admiravel systema fluvial liga esse mar do oriente ao seu extremo occidente?—que os 3 reinos da natureza luctam entre si, sem que se discrimine a qual compete a palma da grandeza?—que uma raça intelligente domina um solo feliz?

Oh! que em taes circumstancias, deve de ser culpa dos governos, que não dos povos, se n'este banquete do universo, a cadeira do Brazil ficou vazia. Prepare-se elle de antemão; e na proxima futura exposição trate de conquistar o capital com juro accumulados de gloria.

Na tua qualidade de busina da opinião publica, alista-te na cruzada dos que pugnarem por este desiderandum; e a minha sympathia por esse paiz fará que sempre a teu lado aches o teu

Sincero amigo.

D. José da Pampulha.

Pariz, 5 de fevereiro de 1856.

A SEMANA.

SORRISOS E PRANTOS.

Com este titulo temos á vista um volume de poesias do Sr. Furtado Coelho, joven e esperançoso poeta que ha pouco chegou de Portugal, sua patria natal.

Os *Sorrisos e Prantos* são as primicias de um genio, que com o tempo, com a applicação e o estudo póde honrar as lettras, porque n'este volume ha muita seiva poetica, brilhante imaginação, e um estilo, se não castigado, com tudo de bastante substancia no pensamento, e de muito colorido na fórma.

A indole poetica d'este volume é essencialmente Lamartiniana; mas o que é fóra de duvida, é que o Sr. Furtado Coelho ensaiou o seu genio poetico em mais de uma escola. O *sentir do poeta* só o podia escrever quem compulso as *Orientaes* de Victor Hugo, a *Laura* é de um dis-

cipulo de Byron, a *Proa á Barra*, o *Dominó* e outras poesias de igual indole e metrificacão, revelam-nos um discipulo intimo do poeta das *Folhas caídas*, e a *Lua de Portugal* manifesta-nos um irmão de arte do mimoso João de Lemos.

Fazemos votos para que o Sr. Furtado Coelho continue a cultivar e a honrar as lettras patrias. O engenho accende-se nas tribulações, o genio accende-se, rutila e brilha quando é aquecido pelo fogo da nostalgia. N'esta phase, em que se acha o Sr. Furtado Coelho, o anjo da sua poesia póde inspirar-lhe sublimes canções. A harpa do Crente e as Flôres sem fructo, o Genio do Christianismo, e as Harmonias e Meditações foram obras inspiradas pela nostalgia.

EMPREZA TYPOGRAPHICA.

Sob a presidencia do Sr. senador Alencar, e com a concurrencia de pessoas de distincta posição social, teve logar uma reunião preparatoria para a incorporação, em grande escala, da empresa DOIS DE DEZEMBRO.

O assumpto foi affecto a uma commissão composta dos Srs. visconde do Rio Bonito, desembargador Pacheco, conselheiro João Caldas Vianna, e Dr. José Florindo de Figueiredo Rocha.

O pensamento do Sr. Paula Brito, creado, meditado por todas as suas faces, alimentado e acreciado ha tantos annos pelo incansavel artista, vae enfim sahir da crisalida para se transformar n'uma realidade: fazemos votos para que assim succeda.

A empresa do Sr. Paula Brito não se circumscreve tão sómente ao melhoramento e progresso da arte typographica, de que elle tem sido um incansavel e benemerito cultor, importa uma nova era para a litteratura, porque é sabido que o supplicio de Tantaló para o escriptor é a imprensa; e o Sr. Paula Brito consigna no seu plano a compra e a impressão de manuscritos com favor para os auctores. O jornal das lettras, e das artes, que promete crear, será um gymnasio, onde venham adestrar-se os novos engenheiros, todas as suas officinas serão outras tantas escolas, outros tantos seminarios, onde uma geração de artistas se irá crear.

O pensamento do Sr. Paula Brito, com quanto novo e gigantesco, como outras idéas generosas, creadoras e de reforma, que por ahi apparecem e são asphixiadas ao nascer, tem a vantagem de não encontrar scepticos, porque a vida artistica do Sr. Paula Brito, o seu tino director, a sua conducta irreprehensivel, a sua applicação incansa-

vel, o seu trato pessoal e relações com os homens de letras e com os artistas, são outras tantas garantias para a consolidação e real progresso da empresa.

O Sr. Paula Brito leu uma bem traçada exposição do estado dos seus estabelecimentos. N'esse documento revela-se a alma do homem justo, a cabeça do artista, o coração do patriota, e o chefe de família extremoso, consagrado e sacrificado á realisação de uma idéa, que para o distincto artista é como a túnica de Neso; não lh'a poderiam hoje despir sem que lhe rasgassem, não a carne, mas sim o coração.

A um assumpto de tanta magnitude e de tanto alcance para todo o paiz, consagraremos mais algumas reflexões, acompanhando a questão nas suas differentes phases, e pugnando sempre pelo seu prompto triumpho.

O SR. ARCEBISPO DA BAHIA.

Se a bondade com que a nossa folha tem sido recebida no circulo de seus leitores, se as obsequiosas cartas que havemos recebido de pessoas altamente collocadas, e altamente instruidas, fossem sufficientes para compensar-nos dos sacrificios, das decepções e dos dissabores inherentes ao principio de qualquer empresa, nós estaríamos por demais compensados; mas temos consciencia da nossa missão, que se alguma cousa tem feito, não desanimando em face de muitas contrariedades, resta-nos ainda muito a fazer, e tomamos todos os favores com que temos sido honrados e animados, como uma evidencia incontestavel da disposição do espirito publico para receber, aclimatar, apadrinhar e consolidar o jornalismo litterario entre nós.

Entre os muitos favores, que havemos recebido seja-nos permittido especializar a carta que o Sr. arcebispo da Bahia se dignou escrever-nos em resposta a uma que lhe foi remettida pelo nosso digno redactor da parte religiosa, o Sr. conego José Mendes de Paiva.

O veneravel e illustrado metropolitano do Brasil veio exercer, com a sua apreciada carta, uma grande influencia nos destinos da *Semana*; por que se um dia as contrariedades nos levarem ao termo de uma decepção e de um desanimo, as palavras do nosso primeiro prelado, e de um sabio entre os sabios serão para nós um talisman.

Permittam-nos os nossos leitores que lhe offereçamos a integra d'este precioso documento.

Illms. Srs.—Depois de render muitas graças ao céo por haver inspirado á VV. SS. o feliz pensamento da redacção do jornal intitulado—*A Semana*— consagrado aos mais importantes interesses da sociedade, e onde as doutrinas religiosas occupam justamente o lugar que ellas devem merecer como o mais solido apoio e garantia da ordem publica, cumpre-me agradecer á VV. SS. as obsequiosas expressões com que me honram na carta que se dignaram dirigir-me, acompanhada dos primeiros numeros do referido jornal que recebi e li com summo prazer, sentindo que me não tenham sido remettidos os seguintes numeros.

Eu bem desejaria prestar o fraco contingente que VV. SS. com tanta bondade solicitam das minhas poucas luzes em auxilio d'essa magnifica empresa; mas o estado decadente não só de minha saude, como ainda das minhas faculdades intellectuaes aggravado pelo immenso pezo da administração d'esta vasta diocese, apenas me permittirá aproveitar-me e fazer com os meus conselhos que outros procurem aproveitar-se de uma tão instructiva e variada leitura.

Queiram por tanto VV. SS. aceitar os meus sinceros agradecimentos e dispôr do meu pouco prestimo, enviando-me suas ordens.

Sou com a mais subida estima e apreço, de VV. SS.

ROMUALDO, arcebispo da Bahia.

Bahia 5 d'abril de 1856.

IMPERICIA TYPOGRAPHICA.

Os bens que se esperavam da associação typographica ainda não se fizeram sentir: a arte não está ainda nobilitada e illustrada no ponto em que devia estar, e afóra o movimento rotineiro das folhas diarias, a typographia resente-se, e muito, da falta do movimento litterario, que não temos.

Reconhece-se que para exercer e professar a arte typographica, carece-se de alguns conhecimentos e rudimentos litterarios, e todos sabem, quaes as habilitações que em geral tem os que se dedicam a este mister, que devia ser entre nós, como o é nos paizes illustrados, o primeiro entre as artes liberaes.

O typographo para com o escriptor devia estar na mesma relação, que está o general para com o coronel, ou o mestre da obra para com o architecto. Sem boa execução não ha plano bom, nem possivel; sem um bom typographo não ha livro, por melhor que seja no fundo, que não se torne defeituoso na fórma. Ainda não houve uma só pessoa, que tenha escripto para a imprensa, que não haja reconhecido e experimentado estes inconvenientes.

Estas rapidas considerações foram-nos suggeridas pela leitura de um artigo, em que o nosso illustrado collega do *Correio do Sul* se queixa de um erro typographico, que disse o opposto do

que elle queria, n'um assumpto de grave transcendencia.

Resigne se o collega com a generalidade do mal; por toda a parte ha fadas maleficas. Não ha ainda muitos dias que um typographo deu por demente a um dos nossos redactores; e como se emendasse a *demencia* para *demasia*, elle recalci-
trou e capitulou-o de denunciante, porque está visto haver muita semelhança em demazia e denuncia. Como estas se podem citar milhares de habilidades de typographos improvisados.

A associação typographica corre o dever de adiantar a arte, nobilita-la, e afugentar d'esta importante profissão a arribados que mal conhecem as letras do alphabeto, e que só tem a insigne habilidade de insignes *pasteleiros*.

Eis aqui o treixo do artigo da folha a que nos referimos. É elle escripto com certo espirito acre, que muito honra seu autor.

« Alexandre Herculano escreveu um — Grito contra salteadores—porque no Rio de Janeiro reimprimiam-lhe as suas obras por mera obsequiosidade, sem darem-se ao trabalho de lhe pedir licença. Pois peor do que ao illustre sabio está-nos a nós acontecendo: porque a elle se quer roubavam-no, porém a nós esfolam-nos!

« Ora, se contra o roubo a resignação christã nos offerece remedio na imitação da santa pobreza de N. S. Jezus Christo, contra o martyrio *gratis* não ha philosophia que nos dê conforto: S. Bartholomeu tambem foi esfolado: porém tratava-se de alcançar a Gloria, e para isso valia certamente a pena.

« A nós, não senhor: esfolam-nos pelo prazer de esfolar, e sem que d'ahi venha-nos nenhum proveito: nem ao menos o da lagartixa do fabulista Iriarte. Não ha por tanto resignação nem paciencia que nos anime a soffrer mais tempo: e pois gritamos, e queira Deos que tal seja o grito que desarme, se quer por algum dia os homicidas canivetes com que nos trucidam.

« Ora agora, os que tiverem lido este ruidoso introito acreditarão que é de nossos compositores typographicos de quem vamos occupal-os?

« Acreditarão que sejam estes os barbaros Dioclecianos contra quem gritamos? Talvez que não acreditem, mas é porque os não conhecem. A caixa do compositor é o cavallete, a polé do nosso miserando pensamento: do que nós escrevemos, ao que sahe d'aquella horrivel furna, ha mais distancia, muitas vezes, do que havia d'uma á outra perna do Colosso de Rhodes.

« Pois não tiveram arte para fazer-nos, a nós, arremessar á nossa bella Porto-Alegre um verdadeiro insulto, e isto só com darem-nos um—que—que nós não lhes pediamos? Não tiveram coragem para lançar ahi aos leitores, que tinhamos querido obrigar o correspondente do *Jornal do Commercio* a confessar que Porto Alegre não era mais *que* um covil de espertalhões?

« Creiam-nos os leitores, pois fallamos-lhes com o coração nas mãos: no tempo da inquisição não havia diarios; se os houvesse, tinha ella dispensado todos os mais tractos: faria um redactor da victima, e entregava-o aos compositores! Mudava de fogueira, e deixava-os morrer a fogo lento. Era menos horroroso e mais barato.

« Porém voltemos aos nossos dois erros typographicos.

« Tinhamos nós dito no exordio do referido artigo, dirigindo-nos ao correspondente, e dando a razão pela qual transcreviamos a sua resposta: —« *Agridimol-o* nós, em nome da cidade invicta: « seria injustiça que escondessemos a esta a justificação com que elle nos contesta » e vai senão quando fazem-nos dizer esta blasphemia, como referindo-nos á offensa que tinha recebido Porto Alegre:—« *Agradecemol-o* nós, em nome da cidade invicta: seria injustiça que escondessemos a esta a justificação com que elle nos contesta. » Comparem e gabem os leitores!

« Mais adiante, no periodo que começa a linha 59 da 4.^a columna da 2.^a pagina, tinhamos nós escripto, em referencia ao nosso primeiro artigo:—« Para nós alcançou este em cheio o seu pensamento: o correspondente ou se retracta ou explica. Porto Alegre *não é mais* um covil de espertalhões—e era isto cabalmente o que queriamos nós que confessasse. » Entretanto, que fazem os compositores? Escrevem o mesmissimo periodo pela seguinte forma, e vejam que primor que conseguiram:—« Para nós alcançou este em cheio o seu pensamento: o correspondente ou se retracta ou explica. Porto Alegre *não é mais* QUE um covil de espertalhões—e era isto cabalmente o que queriamos nós que confessasse... » Pois queriamos uma bonita cousa, como veem os nossos leitores!

« E pois, que não se junte a malta dos *criticos benignos* aos compositores. Recebam os embargos que lhes apresentamos contra os despropositos d'este poder irresponsavel, e *peccavel*, que chama-se typographia, e leiam o nosso artigo de hontem não pelas variantes com que nos mimosearam, porém pela redacção primitiva, que hoje restabelecemos. »

OBRAS POETICAS.

O Sr. Francisco Gonçalves Braga está imprimindo uma collecção de poesias com o titulo de *TENTATIVAS POETICAS*, que são as premicias do seu talento poetico. O Sr. Gonçalves Braga já é conhecido do publico por algumas de suas poesias, que tem publicado no jornalismo.

Temos presente um livro de poesias com o titulo de *ECHOS D'ALMA*, cujo auctor se encobriu com o pseudonimo de *Poeta Macambuzio*. Entre essas poesias ha algumas que tem bastante merito, e a versificação em geral é amena e fluida.

REVISTA THEATRAL.

O GYMNASIO DRAMATICO.

I.

Muito de proposito temo-nos severamente abstinido de pronunciar a nossa opinião sobre o estado e a chronica dos theatros; porque reconhecemos que, sem uma reforma radical em todos elles, emanada dos poderes competentes, e confiada a sua energica execução a pessoas competentes, os brados da imprensa serão uma voz que clama no deserto: todos os esforços serão improficuos, por que o mal está muito entranhado, só uma amputação salvadora os poderá remir do estado vertiginoso ou caquetico, em que se acham.

Uma outra razão que nos aconselhava o silencio era o estado sceptico e anarchico dos nossos collegas do jornalismo, elogiando por contemplação, censurando por despeito, guardando silencio por calculo; e infelizmente não reconhecendo a importancia de sua missão, porque por mais de uma vez, o escriptor é dependente do empresario, quando o empresario deveria buscar tornar-se digno da protecção do escriptor. D'aqui vem que os nossos empresarios, na sua generalidade, tendo os theatros como meio e não como fim, como especulação e não devotação á arte, só vão arrastar-se, e bajular as potencias do jornalismo diario, e assim o theatro lyrico contando com o *Jornal do Commercio*, o Gymnasio dramatico com a protecção do *Correio Mercantil* reputam-se com licença para abusar com escandalo de sua gerencia, porque estão certos da impunidade, porque julgam que estes dois jornaes são tudo, e que não ha mais brados ou protestos que os incomode.

Se um ou outro escriptor apparece como uma sentinella perdida pelos arraiaes da imprensa, fazem-no desaparecer, e para isso usam de meios deshonestos, porque ou se valem do empenho, se a posição do individuo é alguma cousa, ou o esmagam com o insulto, devassando e calumniando a sua vida privada: entre a Scyla do empenho, e a Caribides do insulto, o audacioso escriptor, que pretendia erguer um brado a favor da arte, deve morrer afogado n'esse maldito estreito das potencias endinheiradas.

Era em face d'estas considerações, que nos haviamos abstinido de fallar acerca de theatros: apenas permittiamos a publicação d'uma ou outra opinião de algum nosso collaborador, e aguardavamos para tempos mais convenientes a manifestação de nossas opiniões.

Mas o theatro do Gymnasio dramatico obrigamos a precipitar as nossas considerações, obrigamos a pronunciar um protesto contra a treslou-

cada carreira que vae tomando, obriga-nos em summa a estigmatizar esse corrosivo veneno, de corrosiva immoralidade, com que ha mezes a esta parte está engrossando o seu repertorio.

O theatro do Gymnasio tem, a olhos vistos, aberrado do pensamento e do plano que presidio á sua instituição. Consagrado a ser uma eschola de aprendizagem dramatica, mantendo-se por muito tempo n'esses limites, com um repertorio ligeiro, mas espirituoso e moral, grangeou as sympathias publicas, e mais de uma protecção se lhe manifestou; mas o demonio da fadiga entrou-lhe no primitivo pensamento, e ali o temos como um energumeno, a desdobrar-nos quantos quadros de requintada immoralidade o Sr. Dumas filho foi copiar ou exagerar n'um dos membros gangrenados da sociedade franceza, sociedade velha, sociedade licenciosa, sociedade sceptica, sociedade exagerada, e não grave, simples e patriarchal, como ainda é a nossa.

O theatro francez, além do de Scribe, não é o que devemos adoptar. Estude-se o theatro italiano, especialmente o do fecundo Goldoni, estude-se o velho theatro hespanhol, e sejam essas as fontes onde vamos beber os modelos. Ha pouco era o incesto e o adulterio, que o theatro francez trasvasava para o nosso, agora é a prostituição em todo o requinte: ha pouco eram as emoções do punhal e do veneno, e da exageração, agora é a prostituição aristocratizada, ou a aristocracia prostituida, como se exprime um escriptor, que ainda não vendeu a sua alma ao demonio do empenho, nem empallideceu com o phantasma do insulto: então era a canção bachica da orgia, agora é o romance libertino das *Mulheres de Marmore*.

Que não passe isto sem um protesto. Dois escriptores, aliás talentosos, animaram-se a dizer n'uma das folhas mais lidas n'esta capital, que o *Demi-monde* de Dumas filho, era uma peça *altamente moral*, por nosso turno proclamamos alto e bom som que esse drama é *altissimamente immoral*; e que já que o Conservatorio com os seus escrúpulos, ás vezes de beata, teve a complacencia de o lincenciar, e elogiar, a policia, ou a opinião publica deve negar-lhe o seu *placet*. Os chefes de familia abstenham-se de levar ali suas filhas e mulheres, porque, ou hão de rir e folgar descuidadas, como as creanças á beira do abysmo, ou entrarão castas e sahirão com a alma perturbada, e com pezar de serem mulheres, porque n'esses dramas as mulheres são monstros, não informes, como os de Horacio, mas fascinadores, como os anjos máos da tentação, não repugnantes como a serpente, mas seductoras como ella.

É para fazer sentir e apoiar esta nossa opinião a respeito do ultimo drama do Gymnasio, que pedimos a 'atención dos leitores para o artigo immediato.